

# Moradores pedem respostas logo

TONINHO TAVARES

ADELCIANO ALEXANDRE

Assustada com a doença misteriosa que provocou três mortes na cidade desde o último fim de semana, moradores de São Sebastião saíram às ruas para cobrar agilidade e transparência no processo de investigação dos óbitos, além de reivindicar maior facilidade de acesso a atendimento médico no caso de novas suspeitas. O Centro de Ensino Fundamental do Bosque (CEF-Bosque), onde estudava Denifer Quintanilha Utiwma, 17 anos, uma das vítimas, foi o ponto marcado para concentração. Às 8h, os primeiros estudantes chegaram ao colégio. Nas mãos, ao invés de livros e cadernos, traziam faixas e cartazes. Boa parte deles usava máscaras cirúrgicas, compradas por R\$ 0,50 nas farmácias da cidade.

Às 8h30, liderados por um grupo de professores em um pequeno carro de som, saíram rumo à Administração Regional. Ao longo do trajeto, de aproximadamente quatro quilômetros, estudantes das outras 15 escolas da cidade e demais moradores aderiam à ca-

minhada. No final do percurso, por volta das 9h, 2,5 mil pessoas participavam do ato, nos cálculos da Polícia Militar.

Às 11h, os manifestantes entregaram uma carta com reivindicações ao administrador de São Sebastião, Milton Oliveira. No documento preparado por pais e professores, o pedido para que o Ministério Público acompanhe as investigações e maior divulgação de notícias foram as principais reivindicações. "Atualmente, a falta de informações é o nosso maior problema", reclamou o representante dos professores, Rogério Ulisses.

"O principal objetivo é descobrir como está o andamento das investigações", completou a presidente do Conselho Escolar do CEF-Bosque, Antônia Viacqua.

O pedreiro João Alves de Lima, pai do estudante Adauto Silva de Lima, 17, morto na madrugada do último domingo, também participou do ato. "Além da perda de um filho, ainda convivo com a dor de não saber a causa exata da morte", lamentou ele, que tem outros quatro filhos menores.



Moradores foram às ruas de São Sebastião pedir ao GDF mais informações sobre a doença

Com medo do alastramento da doença na família, Lima os deixou em Coríbio, no interior da Bahia, onde Adauto foi enterrado na quarta-feira.

Às 11h30, os manifestantes pregaram os cartazes no muro da Administração Regional e foram para casa. Por alguns

instantes, o clima na cidade parecia ter voltado ao normal.

À tarde, não houve paralisação nas escolas. Mas a segunda carteira da última fileira da 8ª série E do ensino fundamental do CEF-Bosque, onde Denifer costumava se sentar, permaneceu vazia. Em

homenagem à colega, os alunos da classe preencheram o lugar com um livro de português – disciplina preferida da estudante –, para demonstrar que a tranquilidade em toda a cidade continuava apenas aparente, até que a causa das mortes seja conhecida.